



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**DO MUNDO DO EU AO MUNDO DO OUTRO:
EXPERIÊNCIAS EM PSICOLOGIA CLÍNICA E SOCIAL**

BRENDHA SILVA PAULINO
ELISA CARDOSO DE SOUSA
FABIANA MARTINS BARBOSA
GABRIELA FIGUEIREDO CORRÊA
MATHEUS HENRIQUE CARVALHO FRANCISCO

LAVRAS – MG
2020

BRENDHA SILVA PAULINO
ELISA CARDOSO DE SOUSA
FABIANA MARTINS BARBOSA
GABRIELA FIGUEIREDO CORRÊA
MATHEUS HENRIQUE CARVALHO FRANCISCO

**DO MUNDO DO EU AO MUNDO DO OUTRO:
EXPERIÊNCIAS EM PSICOLOGIA CLÍNICA E SOCIAL**

Portfólio acadêmico apresentado ao Centro
Universitário de Lavras, como parte das
exigências da disciplina “Seminário de
Pesquisa” do curso de graduação em
Psicologia.

PROFESSORA ORIENTADORA ANA MARIA BIAVATI GUIMARÃES

LAVRAS
2020

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico
da Biblioteca Central do UNILAVRAS

M965 Do mundo do eu ao mundo do outro: experiências em
psicologia clínica e social/ Brendha Silva Paulino... [et al.]. –
Lavras: Unilavras, 2020.
59 f.: il.

Portfólio Acadêmico (Graduação em Psicologia) –
Unilavras, Lavras, 2020.

Orientador: Profa. Ana Maria Biavati Guimarães.

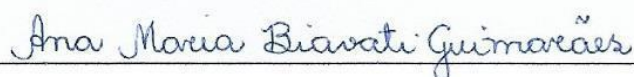
1. Experiências em psicologia clínica. 2. Experiências em
psicologia social. 3. Do mundo do eu ao mundo do outro. I.
Sousa, Elisa Cardoso. II. Barbosa, Fabiana Martins. III.
Correa, Gabriela Figueiredo. IV. Francisco, Matheus Henrique
Carvalho. V. Guimarães, Ana Maria Biavati (Orient.). VI.
Título.

BRENDHA SILVA PAULINO
ELISA CARDOSO DE SOUSA
FABIANA MARTINS BARBOSA
GABRIELA FIGUEIREDO CORRÊA
MATHEUS HENRIQUE CARVALHO FRANCISCO

**DO MUNDO DO EU AO MUNDO DO OUTRO:
EXPERIÊNCIAS EM PSICOLOGIA CLÍNICA E SOCIAL**

Portfólio acadêmico apresentado ao Centro
Universitário de Lavras, como parte das
exigências da disciplina “Seminário de
Pesquisa” do curso de graduação em
Psicologia.

APROVADO EM 24/11/2020



ORIENTADORA

Professora Ana Maria Biavati Guimarães/Centro Universitário de Lavras



PRESIDENTE DA BANCA

Professora Cleonice de Faria Barbosa/Centro Universitário de Lavras

LAVRAS
2020

*Dedicamos este portfólio à nossa orientadora, professora Ana Maria
Biavati Guimarães, que nos acolheu e apoiou de forma tão singela.
Foi nosso alicerce nesse momento singular de reflexões e construção
como seres humanos e profissionais.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, somos imensamente gratos às nossas famílias, porque sempre fizeram tudo para ver o nosso crescimento, apoiando, acreditando e por toda a base que nos proporcionaram.

A Deus, por todas as oportunidades que tivemos, por todas as pessoas que colocou em nossos caminhos para que nossos sonhos tomassem vida e virassem realidade.

Aos amigos, pelo suporte e companheirismo nos momentos difíceis na trajetória acadêmica.

Aos colegas de sala, pelo aprendizado compartilhado durante esses cinco anos, pela amizade construída com base no respeito e parceria, pelos debates que agregaram, pelas risadas e, especialmente, pela cumplicidade que foi desenvolvida ao longo do curso.

Aos professores, por nos auxiliarem e transmitirem o conhecimento necessário para a nossa formação, como profissionais e pessoas, dedicando tempo e, acima de tudo, paciência e profissionalismo.

À toda equipe do Centro Universitário de Lavras, de forma geral, por participar direta ou indiretamente nesse processo de formação.

Por fim, deixamos aqui o nosso obrigado aos pacientes da Clínica-Escola de Psicologia do UNILAVRAS e às pessoas que tivemos contato nas diversas experiências de estágio.

Enfim, fica a nossa gratidão a todos que cruzaram o nosso caminho acadêmico e a todos que, futuramente, virão a fazer parte da nossa querida profissão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. DESENVOLVIMENTO	09
2.1 Brendha Silva Paulino	09
2.2 Elisa Cardoso de Sousa	18
2.3 Fabiana Martins Barbosa	24
2.4 Gabriela Figueiredo Corrêa	28
2.5 Matheus Henrique Carvalho Francisco	34
3 AUTOAVALIAÇÃO	38
3.1 Brendha Silva Paulino	38
3.2 Elisa Cardoso de Sousa	38
3.3 Fabiana Martins Barbosa	39
3.4 Gabriela Figueiredo Corrêa	40
3.5 Matheus Henrique Carvalho Francisco	41
4. CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	50
ANEXO A – CARTAS-CONVITE E TERMOS DE ACEITE	50
ANEXO B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PORTFÓLIO	51

1. INTRODUÇÃO

*Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não*

(“Para não dizer que não falei das flores”, Geraldo Vandré)

O construto do portfólio significa um arquivo onde contém os dados de uma pesquisa, ou seja, os registros de um determinado estudo ou experiência são compilados em um documento. É um material que concede uma visão ampla sobre as vivências, qualificações, habilidades e experiências ao longo de um tempo. O valor de um portfólio está caracterizado no seu desenvolvimento (RYAN; KUHS, 1993), especialmente porque o processo envolve a autorreflexão dos autores, induzindo-os à autoavaliação e oferecendo a oportunidade para ampliar a aprendizagem. (ALVARENGA, 2006).

Com base nesse propósito, este trabalho traz os relatos de oportunidades que tivemos de nos instruímos a partir da base teórica e da prática. Passamos por vivências significativas durante os estágios clínicos e psicossociais.

Os estágios supervisionados em Psicologia têm como principal objetivo possibilitar o desenvolvimento e a aplicação de nossas habilidades e competências. Além disso, por nos encontramos em processo de formação acadêmica, as supervisões de nossos professores sempre foram de extrema importância. Elas consolidaram nossa postura ética, responsável e acolhedora e auxiliaram na construção da identidade profissional e do amadurecimento pessoal.

A atuação do estudante junto ao campo social demanda uma percepção integrada do sujeito, analisando não somente sua estruturação psíquica, mas também uma compreensão do contexto no qual está inserido. Em outras palavras, o seu ambiente social, levando em consideração os aspectos interrelacionais.

O início da ambiência na Psicologia Clínica se deu pelos estágios oferecidos na Clínica-Escola de Psicologia do Unilavras. É um momento para treinar e lapidar a escuta, observação e o acolhimento. A partir de um *setting* estabelecido somos capazes de exercer a nossa empatia para atender às exigências da postura psicoterapêutica.

Nessa ocasião, há recursos facilitadores como a motivação e nosso investimento para que tudo dê certo, mas, em contrapartida, surgem os enfrentamentos, a angústia e o medo. Sentimentos que fazem parte da transição de estudante para a de um futuro Psicólogo.

Assim, o trabalho realizado em forma de portfólio nos possibilita compartilhar todas essas experiências. Todas foram ofertadas pelo curso de Psicologia para que as vivências em campo nos aproximassem ainda mais da prática real da Psicologia, tanto na área clínica como na social. Agregaram à nossa formação a visão realista dos diversos campos de atuação do profissional da Psicologia e nos levaram a refletir sobre cada experiência como única e intransferível.

Desenvolver um material como este é reunir aprendizados e transmitir aos leitores o quanto uma experiência acadêmica e intensidade na formação profissional. Construí-lo em grupo nos permitiu ampliar a visão e compreender a importância do Psicólogo nos âmbitos clínico ou psicossocial. Visualizamos por meio da prática dos outros colegas, os impactos gerados e sofridos das atividades realizadas, compartilhando conhecimento, vivências e agregando valor ao saber de cada um.

Para apresentar de forma fundamentada o nosso aprendizado, foi necessário trazer as bases teóricas que fundamentaram nossas ações. Todas foram trabalhadas nas disciplinas ministradas durante o curso e apresentaram as diversas áreas de atuação, trazendo autores importantes como referências, técnicas, dinâmicas e uma compreensão do desenvolvimento e funcionamento humano em prol atuação responsável e ética.

A fundamentação teórica orienta a prática, visto que transmite toda a base necessária para atuar clínica ou socialmente. Torna-se possível visualizar o conteúdo absorvido em sala de aula nas práticas dos estágios. E, somado a isso, fomos desbravando outros saberes, aplicando os pressupostos de abordagens de modo a conduzir as vivências de acordo com cada grupo, demandas, área e contexto.

A experiência de estagiar durante a graduação é fundamental para que o aluno se prepare para a entrada no mercado de trabalho. É importante que a base de conhecimento e prática seja construída de forma articulada. Consequentemente, adquire-se maturidade, maior capacidade de resolução de problemas e assertividade.

A supervisão tem um papel importante, pois é ela que vai assegurar o norte de nossas vivências, proporcionando uma reflexão frente a elas, à contribuição dos participantes do

grupo e até mesmo a partir de estudos de casos. O supervisor oferece, também, as condições necessárias para o desenvolvimento pessoal do aluno de modo que tenha autonomia durante a realização das atividades.

Kish et al (1997, p. 255; apud ALVARENGA, 2006, p. 138) são particularmente enfáticos ao destacar o “portfólio como ferramenta de avaliação que convida o aluno a contar a história de seu trabalho e a se tornar mais reflexivo sobre suas práticas”. Para eles, é através da voz do aluno que há a troca de experiência em sala de aula e que emergem as necessidades instrucionais importantes. É o portfólio que apresenta a performance do aluno a partir das impressões e dados coletados dos cenários reais.

Fazer um portfólio é ser responsável pela construção do próprio conhecimento e compreender que esse processo será uma ferramenta de trabalho do futuro profissional, promovendo a possibilidade de tornar visível o que normalmente é invisível. Dessa forma, esperamos que os leitores apreciem o relato de experiências que foram marcantes para nós enquanto alunos do curso de Psicologia.

2. DESENVOLVIMENTO

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

(“Para não dizer que não falei das flores”, Geraldo Vandré)

O desenvolvimento deste portfólio é composto pelo relato das experiências em estágios de Psicologia Clínica e Social. Também há a autoavaliação a partir de cada vivência e alguns registros fotográficos. O aprendizado torna-se mais significativo quando são reunidas as percepções de cada um, pois ampliam a visão dos fenômenos como um todo. Reflexões e sentimentos são despertados e a consciência da responsabilidade diante de tais experiências possibilita que façamos uma grande viagem do mundo do eu ao mundo do outro.

2.1 Brendha Silva Paulino

2.1.1 Apresentação

Desde sempre, sou encantada pelas infinitas possibilidades que têm as palavras. Nutro em mim esse sentimento de amor pela leitura e pela escrita e acredito que a Psicologia tem tudo a ver com isso. A primeira vez que ouvir dessa profissão foi na adolescência, por volta dos meus 12 anos. Eu trabalhava como babá de uma criança que era a minha vizinha, na época uma das minhas tarefas era levá-la nas consultas, uma vez por semana, com uma Psicóloga. A partir disso eu comecei a me interessar em saber sobre tal profissão. O que fazia? E, aos poucos, surgiram algumas respostas.

Aos 14 anos de idade “perdi” uma pessoa muito importante na minha vida e passei a indagar sobre essa situação nova e complexa que é o luto. Constatei que a terapia seria a melhor opção para ressignificar sentimentos e pensamentos e desde então comecei a estimar e a valorizar a profissão psicológica.

No último ano do ensino médio, fiz alguns cursos técnicos, dentre eles, estudei recursos humanos. Foi o estalar dos dedos para me tocar que gosto de trabalhar com pessoas e que entrar no mercado de trabalho faria sentido se eu pudesse todo dia fazer algo que amasse.

A opção escolhida e que me pareceu mais sensata seria cursar Psicologia e assim o fiz. Naturalmente, surgiram dificuldades, indecisões, ambiguidades, mas ao decorrer dos semestres fui compreendendo minhas afinidades em relação a alguns campos de atuação e tudo foi se tornando mais coerente ao meu viver.

Tornei-me então capaz de me perceber como uma futura Psicóloga. Dessa forma, todos os saberes e práticas me levaram a apreciar dois campos na Psicologia: o escolar e educacional e o da Psicologia Social. Ambos com foco na infância, que se tornou, no presente, meu objeto de interesse, estudo e atuação. E, meu relato baseia-se, justamente, em minhas experiências em uma escola municipal de uma cidade do interior de Minas Gerais.

2.1.2 Relato de experiência

Este relato corresponde ao trabalho de um semestre e tem por finalidade apresentar a experiência do estágio, supervisionado pela professora Cleonice de Faria Barbosa, realizado em uma escola municipal na cidade de Lavras, Minas Gerais. A escola oferece aulas para a educação infantil e ensino fundamental I. O espaço físico conta com 12 salas de ensino, *internet*, refeitório, quadra esportiva coberta, sala de leitura, pátio coberto, pátio descoberto, área verde, sala do professor e alimentação aos alunos.

Neste estágio fui responsável por duas turmas da 2^o série (anos iniciais) com idade entre 7 e 8 anos. Em cada uma das duas salas havia cerca de 20 a 21 alunos matriculados. As práticas foram desenvolvidas em grupo, dentro do ambiente de sala de aula, levando em consideração as demandas evidenciadas pelos profissionais da escola, utilizando assim dinâmicas e brincadeiras que fornecessem a importância e eficácia psicológica desses métodos no acolhimento da juventude.

Embasei-me em algumas teorias importantes sobre o efeito terapêutico do brincar e também sobre a teoria histórico-social do desenvolvimento infantil. Na sequência foi descrito todo processo a fim de relacionar e explicitar a conexão com a teoria. Ao final fiz uma autoavaliação na intenção de apurar cada instante para que eu me sobressaísse diante as dúvidas e incertezas, me proporcionando maturidade e engrandecendo a minha habilidade para participar como facilitadora do processo.

O colégio contava com diferentes diligências, dentre elas, vulnerabilidade social, afetiva, privação de higiene básica, baixa frequência escolar, vítimas de abuso sexual e maus tratos. Em decorrência disso, a prioridade do trabalho era oportunizar para eles uma percepção

criativa e motivadora, focando no desenvolvimento de algumas questões relevantes para a infância e que eles sentissem que a vida é digna de ser vivida.

Figura 1 - Fachada da escola municipal



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Os encontros na instituição aconteceram uma vez por semana, durante cinco meses, especificamente às quintas-feiras, de 9h às 11 horas, nos meses de março a julho de 2019. As atividades compreenderam dinâmicas e brincadeiras que auxiliassem no desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças e também fortalecem os vínculos entre professoras, profissionais de apoio e alunos. Winnicot afirma que é o brincar em si mesmo já é uma terapia (WINNICOT, 1975).

Nosso primeiro encontro foi com as educadoras. Pautou-se em nossa apresentação, no anúncio de quais eram as nossas propostas, conhecer a todos e oferecer um espaço de escuta e sugestões sobre quais assuntos seriam pertinentes trabalhar. Inicialmente, a interação foi de vasta receptividade, o que me motivou e trouxe a impressão de que seria um período proficiente.

Na segunda visita realizamos uma dinâmica cuja proposta foi de comunicação, interação e que fossem estabelecidos determinados combinados. Isso proporcionou uma chance para todos os envolvidos se conhecessem melhor e para que compreendêssemos com

mais apreço cada “serzinho”, professoras e monitoras, individualmente. Os combinados serviram para que as nossas reuniões fossem dirigidas por regras e harmonia.

Nessa ocasião tive um contato particular com as crianças e os adultos responsáveis, eles se manifestaram cordiais e receptivos, o que facilitou a realização da atividade. Winnicot (1975) diz que a brincadeira é universal, o brincar facilita o crescimento e, conseqüentemente a saúde, o brincar conduz aos relacionamentos grupais, o brincar é uma forma de comunicação na psicoterapia, à psicanálise foi desenvolvida como método intenso experiente do brincar, a oferecimento da comunicação consigo mesmo e para com os outros (WINNICOTT, 1975).

A priori, a ideia era de realizar a mesma prática com as duas turmas, separadamente. Contudo, houve a primeira surpresa, necessitei de um tempo maior do que o previsto em uma das turmas e não consegui reproduzir a dinâmica na outra. E isso se tornou visível na terceira semana. Futuros encontros precisaram ser adequados às tarefas para serem dadas em uma única turma.

A atividade consistiu em disponibilizar uma folha em branco para cada criança, professoras e monitoras. Foram dados comandos e, como esperado, cada um desenhou à sua maneira. Diante disso conversamos e refletimos que cada pessoa tem o seu jeito, que isso é subjetivo e que não existe “certo” ou “errado”, assim frisei sobre o respeito às diferenças e o quão importante colocar-se no lugar de outra pessoa, salientando a empatia.

No brincar como método terapêutico, os desenhos podem ser uma fonte rica de informações sobre a criança, pois muitas delas desenharam espontaneamente durante o tratamento e, outras, quando solicitadas. Através desse tipo de expressão gráfica é possível observar características de personalidade, relacionamentos familiares, comportamentos sociais, atitudes em relação às limitações físicas e aos problemas perceptomotores específicos ou outras dificuldades de aprendizagem. (LOGAN, 1991)

Na semana seguinte, realizamos a mesma atividade na outra turma e a ponderação sobre a temática foi mais uma vez o lugar de respostas e falas surpreendentes. Percebi que, às vezes, esquecemos o quão inteligentes e capazes são as crianças. De acordo com Winnicot (1975) o auxílio de um adulto na aventura infantil é importante, mas elas precisam de autonomia para criar suas próprias maneiras de se divertirem para que demonstrem verdadeiramente suas aptidões. No capítulo “Por que as crianças brincam” o referido autor discorre:

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas quanto internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como a personalidade dos adultos se desenvolvem através das suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente a sua capacidade de enxergar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora que quer dizer vivência.

Os adultos contribuem neste ponto, pelo reconhecimento do grande lugar que cabe a brincadeira e pelo ensino de brincadeiras tradicionais, mas sem obstruir nem adulterar a iniciativa própria da criança. (WINNICOT, 1975, p.163)

Outro exercício dado às turmas teve o caráter preventivo em relação ao *bullying*. Cedemos uma folha com o contorno de um corpo humano para cada criança e direcionamos para que eles se representassem, retratassem naquela folha como eles se enxergavam. Essa atividade acarretou uma rica discussão e observação. Percebi que nem todas as crianças se reconhecem, por exemplo, algumas crianças de pele preta se coloriram de cores claras. Perto do encerramento, eles mesmos recortaram em volta de cada “corpo” e colaram suas imagens de mãos dadas na lousa, oferecendo um visual e raciocínio de valorização da amizade e união. Segundo Vygotsky (1991) na dimensão em que o brinquedo se constrói, observamos um movimento no caminho consciente à laboração de seu propósito (VYGOTSKY, 1991).

Figura 2 – Desenhos da atividade sobre o *bullying*



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Em meio ao ambiente escolar, Vigotsky (2007) atribui um papel fundamental das relações sociais no processo de desenvolvimento, visto que a escola também medeia a missão de oferecer elementos facilitadores não só relacionados às construções de conhecimento, mas também ligados à constituição do sujeito como um todo (VIGOTSKY, 2007). Em concordância, a proposta se deu pela construção em conjunto, professoras e acompanhantes de sala sempre foram convidadas a participar das atividades com a finalidade de estreitar os laços, porém nem todas elas mostraram interesse em envolver-se.

A brincadeira de outro dia pautou-se no fornecimento de um numeral para os alunos. Cada um deles sorteou dois papéis, em um dos papéis havia mais um número e no outro uma ação, por exemplo: o fulano era o número 1, na hora do sorteio ele tirou o número 3 e a ação “dê um abraço”, assim ele teria que dar um abraço no colega que era o de número 3. Deixei claro, desde o começo, que nenhum deles seria obrigado a realizar as ações, seriam de livre e espontânea vontade.

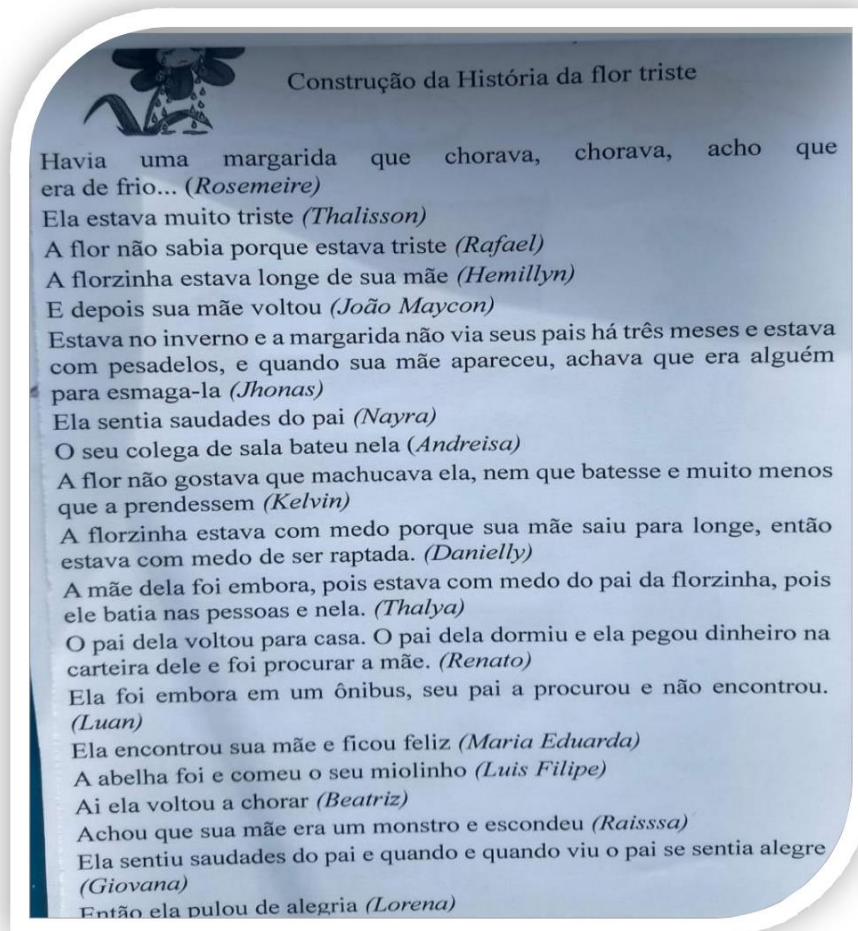
Foi bem espirituosa a recreação, mas houve resistência da maioria. Deixaram transparecer que não era comum demonstrar afeto para com os seus colegas. Em contrapartida, quando eu chegava à sala, a maior parte deles pedia abraços e beijos sem esboçar a tal estranheza, que foi indicada em tal atividade. As crianças da turma “A”, geralmente, demandavam um tempo maior para desempenhar as tarefas.

Na sétima semana foi a vez de se particularizar as emoções, apreender sobre a forma de se expressar e reconhecer os sentimentos. Eles ouviram uma história sobre as emoções e a sugestão foi para que eles a escutassem de olhos fechados e permitissem que a imaginação “corresse solta” a cada parte da narrativa. Logo após foi lhes entregue uma folha com a instrução de que desenhassem a emoção que lhes era mais comum. Winnicott (1975, p. 163) diz que “a brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais”.

No encontro seguinte o objetivo foi de trabalhar a emoção tristeza. Colou-se na lousa a foto de uma flor com a expressão triste, só que em nenhum momento foi mencionado para as crianças que de fato aquela flor estava triste. A orientação foi para que cada um deles contribuísse com uma frase relacionada à imagem e criássemos, em conjunto, uma história. A imaginação e a criatividade fluíram. “Sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato.” (VYGOTSKY, 1991, p. 69).

As crianças se disponibilizaram a participar, o que assegurou um construto significativo. A aventura teve começo, meio e fim. No final, lemos o enredo para que pudessem ouvir, em voz alta, a história construída por todos.

Figura 3 – Narrativa construída a partir de uma das atividades



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Em outra oportunidade, a ideia era de proporcionar sorrisos: chegou a vez da alegria. A brincadeira foi sobre tentar fazer o outro sorrir e ao mesmo tempo se manterem sérios. Imprimiu-se “carinhas” felizes em um papel e cada criança recebeu duas delas. Duas crianças por vez foram colocadas frente a frente com o intuito de uma fazer a outra gargalhar só com as suas expressões faciais, sem falas ou toques. Quem sorria primeiro “pagava” uma “carinha feliz” para o colega que conseguiu ficar sem rir. Depois foi entregue um papel em branco com a informação para que desenhassem como se sentiram na ocasião. Foram instantes de descontração e risos. Eles verbalizaram o desejo que a brincadeira acontecesse outras vezes.

Para Vygotsky corresponder às regras é uma mina de prazer, essa se sobressai, pois é o impulso mais potente, o brinquedo proporciona para a criança uma inédita figura de desejo (VYGOTSKY, 1991). O lúdico faz parte do mundo infantil, e no ensino escolar ele é um crucial método para o desenvolvimento:

Ensina a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade (VYGOTSKY, 2007, p. 118).

Outra brincadeira foi a da mímica. Disponibilizamos às crianças palavras familiares e com a função de estimular suas expressões. A atividade se tornou um ponto de muitas percepções, tais como a competitividade e a alegria ao se envolverem no desenvolvimento do jogo. Algumas das crianças expressaram chateação, pois alegaram querer participar mais de uma vez, não compreenderam integralmente as regras e a disposição do tempo. Diante deste comportamento de descontentamento com o término do lazer, Winnicott relata que a angústia é sempre uma condição na brincadeira infantil e, por vezes, é um fator prevalectente. (WINNICOTT, 1975).

A prática do relaxamento foi proposta em outra semana. Em uma caixa de som colocou-se um áudio, cuja voz os instruía para que se sentassem confortavelmente em seus lugares e fizessem silêncio e prestar atenção na meditação guiada. Deveriam se imaginar em lugares e situações agradáveis. Ao final, a sala foi dividida em dois grupos, cada um desses grupos recebeu uma folha grande de papel *kraft*, revistas, jornais, “canetinhas”, colas, tesouras e *glitters*. O conselho foi para que eles simbolizassem no papel o que fantasiaram na hora da calma. “O desenvolvimento correspondente de regras conduz a ações, com base nas quais tornassem possível a divisão entre trabalho e brinquedo, a divisão esta encontrada na idade escolar como um fato fundamental.” (VYGOTSKY, 1991, p. 69)

Em outro encontro, comemorou-se o Dia Mundial do Meio Ambiente e a elaboração da atividade consistiu em promover a conscientização diante a importância de se preservar e cuidar dos nossos recursos naturais. Portanto, para cada criança foi ofertado um pequeno pedaço de folha e pedido para que eles amassem o papel até se formar uma “bola”. Ludicamente, esse papel amassado representava o lixo. Em seguida, o comando referiu-se para que jogassem as “bolas” em um pote transparente que representava o planeta terra, o pote se encheu de “bolinhas” (lixo).

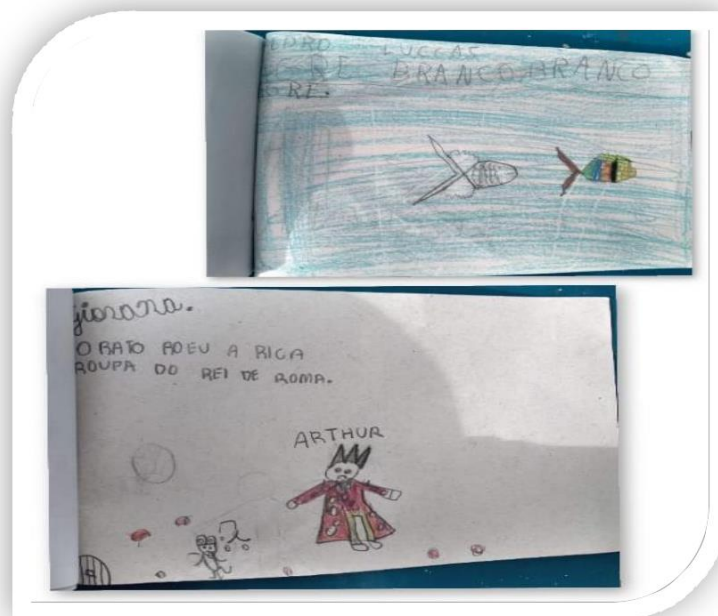
Diante dessa situação deu-se início ao raciocínio de que jogar o lixo no chão acarreta prejuízos, como o aumento da poluição, que não existe o “fora”, nós vivemos nesse planeta e no meio do lixo que não é descartado corretamente, todos perceberam que é inaceitável esse

tipo de atitude. Após esse discernimento, cada um levantou, pegou uma “bolinha” (lixo) que estava dentro do pote (terra) e jogou no lixo da sala, que se revelou ser o lugar adequado para o descarte de algo que não nos serve mais, e assim conseqüentemente o pote (terra) ficou limpo novamente.

Dando continuidade, eles receberam frases de conscientização sobre as possibilidades de se preservar o meio ambiente, por exemplo, “deve-se aguar as plantas e flores com o regador”, “deve-se lavar o carro com a mangueira”, “reduzir o consumo de energia elétrica”, entre outras, por fim eles receberam uma folha e esboçaram a imagem da frase de boas maneiras para com a natureza.

E, ainda em outra semana, a intenção da atividade foi de se estimular a comunicação. A brincadeira escolhida foi o “trava-língua”. Cada um recebeu um papel com frases de “trava-língua” e depois de desempenharem o treinamento, ilustraram-no um dos versos em uma folha. “A fala também é um exemplo excelente do uso de signos, já que, uma vez internalizada, tornasse uma parte profunda e constante dos processos psicológicos superiores; a fala atua na organização, unificação e integração de aspectos variados do comportamento da criança”. (VYGOTSKY, 1991, p. 84)

Figura 4 – Ilustrações das frases de “trava-língua”



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Ao final das reuniões as crianças pediam para levar as atividades para suas casas, até então não era possível atender ao pedido, visto que os registros eram de suma relevância para

a apresentação em supervisão. Contudo, diante do desejo delas, no último dia de estágio, construiu-se um livro com todos os trabalhos desenvolvidos, individualmente. Havia um recado na capa e um pirulito de mimo (nenhum deles tinha restrições ao açúcar). Isso se tornou um episódio de reconhecimento de minha parte, deixei o meu “até logo” e agradei a todos pelas vivências naquele semestre.

2.2 Elisa Cardoso De Sousa

2.2.1 Apresentação

Eu, Elisa, nasci no estado do Pará e com apenas 15 anos vim para Minas Gerais em busca de continuar os meus estudos e me tornar cada vez mais competente no que fosse escolher para o meu futuro. Sou estudante de Psicologia do Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS) e não podia estar mais feliz com as minhas escolhas ao longo desses anos, principalmente, em relação ao curso de Psicologia.

A Clínica-Escola de Psicologia do Unilavras foi um dos locais mais marcantes na minha vida acadêmico-profissional. É o local onde os estudantes de Psicologia realizam atendimentos supervisionados a todo tipo de público, sendo eles totalmente gratuitos pelo fato dos alunos ainda estarem aprendendo e para contribuir com a comunidade.

Na clínica-escola tive experiências que me acompanharão a vida toda. Foi onde pude enxergar o verdadeiro sentido de ser uma Psicóloga e compreender as pessoas com outros olhos e exercer a empatia. Senti uma conexão entre o mundo do outro e o meu, meu verdadeiro eu. Foi ali onde meus sonhos começam a se tornar realidade.

Ser psicoterapeuta é algo profundo. Ajudar alguém a se ver, a se conhecer, a tomar posse de si mesmo é algo que, sem uma profunda humildade, dificilmente poderá acontecer. A responsabilidade e a complexidade da tarefa de responder terapeuticamente ao pedido de ajuda de outro ser humano justificam a necessidade de maior consciência do futuro profissional sobre a concepção a respeito do que é ser psicoterapeuta e sua implicação de ordem prática na qualidade da sua formação profissional. (FALEIROS, 2004)

2.2.2 Relato de experiência

De acordo com as considerações da apresentação, optei por descrever minha vivência nos estágios na Clínica-Escola de Psicologia. Os atendimentos foram realizados com idosos, adultos, jovens e crianças de Lavras e região. As sessões ocorreram entre de fevereiro e junho, sendo julho o mês das férias escolares, e retornaram de agosto até novembro por vários anos.

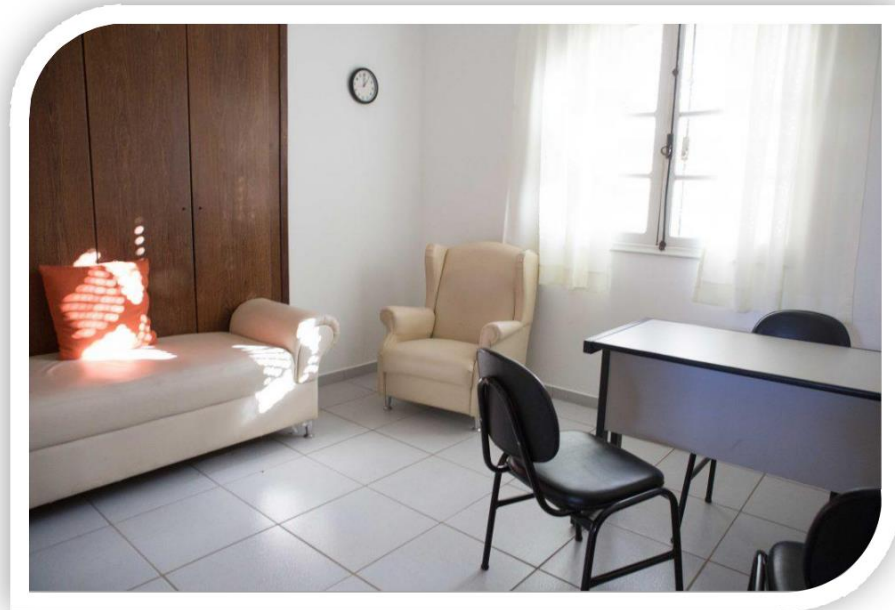
Figura 5 – Fachada da Clínica-Escola de Psicologia do Unilavras



Fonte: arquivo dos autores (2018)

Os atendimentos são feitos em salas individuais, onde cada uma é diferente das outras, mas todas têm mesa, cadeiras e algumas têm sofás com almofadas e *puffs*. São extremamente aconchegantes e sigilosas, não passando som de uma sala para a outra e nem para os ambientes externo, como recepção, corredores e salas de supervisão

Figura 6: Sala de atendimento da Clínica-Escola de Psicologia do Unilavras



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Em meus primeiros atendimentos, supervisionados pelo professor Ismael Pereira de Siqueira, realizei apenas triagens com os pacientes. De acordo com a definição tradicional, a triagem psicológica tem os objetivos de coletar dados, levantar hipóteses diagnósticas e verificar qual tipo de atendimento a pessoa necessita, a fim de encaminhá-la ao tratamento mais adequado possível (HERZBERG & CHAMMAS, 2009).

Acredito que a triagem foi bastante importante para o meu despertar clínico, pois me enriqueceu acerca das técnicas de cada abordagem, como elas atuam e qual poderia ser a mais eficaz para cada paciente triado. O encontro entre terapeuta e cliente é muito valorizado e o foco principal passa a ser o acolhimento das pessoas e a elaboração das questões que mobilizaram a busca de ajuda psicológica. O profissional, nessa perspectiva, não realiza uma sessão devolutiva como acontece nas triagens tradicionais, mas comunica sua compreensão, compartilha suas impressões a partir do que está ouvindo e vendo. (ROCHA, 2011)

Logo depois, ingressei no estágio de intervenção pela abordagem de Humanista-Existencial, supervisionado pelo professor Antônio Ângelo Fávoro Coppe. Praticávamos a escuta ativa, a compreensão empática, sempre dando abertura para o outro desabafar, falando bem pouco nas sessões, como era pedido, pois aprendemos que ao deixar o paciente falar, ele se ouve melhor, tendo mais capacidade de reflexão sobre si:

O psicólogo, no lugar de escuta, na compreensão do relato daquele que, muitas vezes, tomado de sofrimento psicológico/existencial vai ao seu encontro, pode apreender os pontos de desordem ou de estagnação, facilitando o discurso do cliente e permitindo que os aspectos conflitivos emerjam. O surgimento dos aspectos conflitivos na fala do cliente, ao se deixar afetar pela fala do terapeuta, pode proporcionar o desvelamento, mantendo a questão pela angústia. Desta forma, pela reflexão de si mesmo, o cliente pode descobrir-se em liberdade na escolha de suas possibilidades (GONÇALVES et al, 2016)

O objetivo da Psicologia Humanista é escutar, facilitar a compreensão de sentimentos e ajudar na busca da identidade e autonomia. Ela é centrada na pessoa, deixando para traz a imagem de um cliente – termo usado na abordagem humanista - passivo e existindo agora alguém que é capaz de modificar sua própria história e atuar em crescimento pessoal. O foco é na visão de pessoa e não somente de disfunções psicológicas.

Foi extremamente desafiador cultivar a escuta e o silêncio. Gosto de me comunicar com as pessoas e acredito que assim criamos uma aliança terapêutica com mais facilidade, porém foi importante esse processo para aprender escutar de verdade, e saber que tudo tem seu momento certo de falar. Ouvir também é uma forma de escutar as emoções por meio de palavras, e para isso é necessário estarmos atentos ao outro. Nossa comunicação é muito mais assertiva se nos dedicarmos um tempo para ouvir o que o outro quer dizer verdadeiramente.

Pouco tempo depois, iniciei outro estágio na Terapia Cognitiva-Comportamental (TCC), supervisionado pelo professor Murilo Freitas Bauth. A TCC tem como objetivo produzir mudanças nos pensamentos, na resignificação de crenças, além de uma transformação emocional proporcionando autonomia ao paciente. A TCC começa sua avaliação realizando uma anamnese completa e um exame do estado mental do cliente. Na TCC, a avaliação e a realização de conceitualização de caso são baseadas em um modelo amplo de tratamento. A formulação de caso com o enquadre na conceitualização funciona como um mapa que orienta o trabalho a ser realizado com o cliente:

Uma conceitualização cognitiva correta ajudará você a identificar quais são as estradas principais e como viajar melhor. A conceitualização já começa no primeiro contato com o paciente e é aprimorada a cada contato posterior. Você levanta hipóteses sobre o paciente com base não somente na formulação cognitiva do caso, mas também nos dados específicos que o paciente lhe apresenta. Você confirma, rejeita ou modifica suas hipóteses à medida que o paciente apresenta novos dados. A conceitualização, portanto, é

variável. Em momentos estratégicos, você vai checar diretamente com o paciente as suas hipóteses e a formulação. (BECK, 2017, p.58-59)

Após formularmos o direcionamento do tratamento do paciente, começamos a intervenção. E saber intervir é algo valioso, mas assustador, quando se está começando, pois a qualquer momento você sente que pode falhar e lembra o quão importante é fazer a coisa certa. Porém, contribuir para o bem de alguém, fazendo-o enxergar por si próprio, é necessário e, tal sabedoria, adquire com o passar do tempo.

Lembro-me da primeira vez em que ouvi a frase “você me ajudou muito”, vinda de um paciente. Minha reação na hora foi apenas agradecer, mas honestamente, a vontade de sair pulando de tanta felicidade estava estampada em meu rosto. É gratificante sentir o reconhecimento por parte dos pacientes, ver em seus rostos o quanto você pôde ajudá-los a se tornarem alguém melhor, com mais autoconhecimento, se enxergar com amor e saberem, principalmente, lidar com as questões que os angustiam. De acordo com Judith Beck (2013), para que haja melhora duradoura no humor e no comportamento do paciente, os terapeutas cognitivos trabalham em um nível mais profundo de cognição: as crenças básicas do paciente sobre si mesmo, seu mundo e as outras pessoas.

O terapeuta cognitivo-comportamental iniciante, geralmente, precisa ser mais cuidadoso e estruturado, concentrando-se em menos elementos por vez. Embora o objetivo final seja entrelaçar esses elementos e conduzir a terapia da forma mais efetiva e eficiente possível, os iniciantes devem primeiro aprender a habilidade de desenvolvimento da relação terapêutica, a habilidade de conceituação e as técnicas da terapia cognitivo-comportamental. Todas elas serão mais bem realizadas se feitas gradualmente. (BECK, 2013)

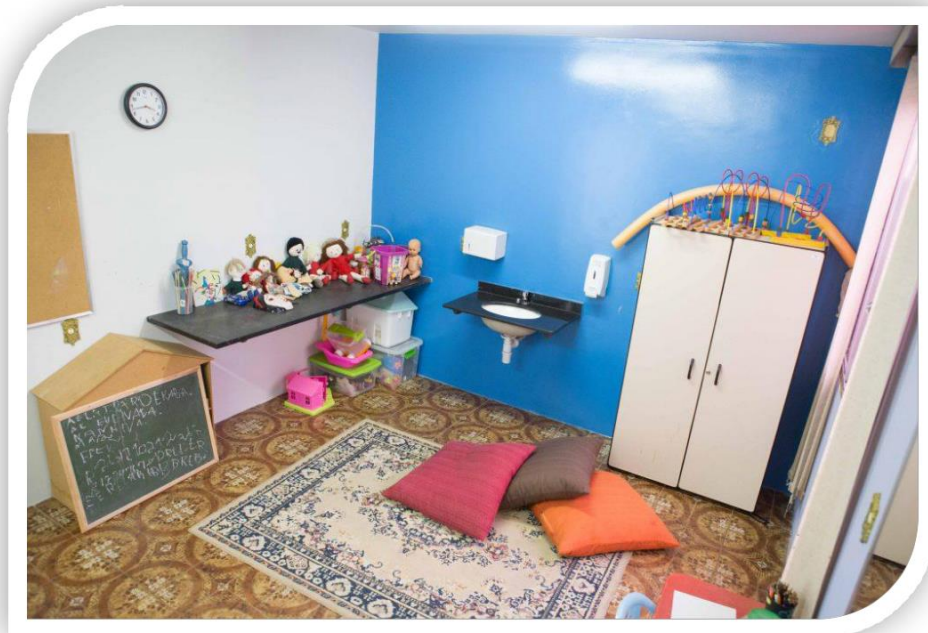
Depois dos atendimentos na abordagem TCC, fui para outro estágio, na abordagem Comportamental, onde estou até hoje, supervisionado pela professora Andrea Cabral Rios. Lá aprendo sobre as atitudes físicas e mentais das pessoas e o entendimento das emoções e dos pensamentos humanos com influências do ambiente.

De acordo com Marçal (2005) as estratégias de intervenção estão voltadas para o *setting* terapêutico, em que há ênfase na análise operante do comportamento verbal, na relação terapeuta-cliente e na análise dos eventos privados sem, no entanto, perder o cunho externalista de causalidade. É uma abordagem que nunca me vi atuando, mas confesso que sinto um carinho especial por estar a mais tempo do que as outras e gostar de ouvir mais sobre

suas premissas e fundamentos, além de que essa abordagem é onde se dá início à terapia-cognitiva-comportamental, na qual pretendo atuar, futuramente.

Os atendimentos infantis acontecem em um ambiente específico, chamado de sala de ludoterapia. A psicoterapia infantil tem como principal objetivo acessar o mundo interior da criança e conseguir ajudá-la a superar os desafios que a afligem. Na abordagem comportamental foi o primeiro estágio onde enfrentei meu medo de atender crianças menores de oito anos.

Figura 7 – Sala de ludoterapia da Clínica-Escola de Psicologia do UNILAVRAS



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Desde o início do curso, não me via na área e atendimento infantil por acreditar que trabalhar com crianças seria exaustivo, mas fui surpreendida positivamente quando me encantei pela minha pequena paciente de apenas seis anos de idade. Ter estagiado em uma área na qual eu não tinha experiência e não sentia tanta confiança, me fez enxergar o quanto nós somos enganados pelo nosso medo. Medo de fracassar, de não dar conta, de se sentir desqualificado para exercer tal atividade e então tentei pelo começo, primeiro estabelecendo uma aliança terapêutica com a pequena paciente, me fez enxergar o quanto eu estava errada sobre as minhas capacidades, de fato:

A psicoterapia não pode ser concebida sem considerar o estabelecimento de uma relação interpessoal entre cliente e terapeuta. A qualidade emocional e relacional do vínculo entre ambos é uma parte imprescindível para o êxito no processo psicoterápico. Na realidade, a investigação em psicoterapia indica que tal fato é um aspecto determinante da eficácia da terapia. (ALVES, 2017)

Uma das coisas que mais prezo na psicoterapia é a relação terapêutica. Deixar o paciente confortável, envolvido e seguro do meu trabalho é o que acredito que irá ajudar no progresso longo e doloroso que aquele paciente terá de encarar pela frente. É nessa troca entre paciente e terapeuta que caminhamos juntos na psicoterapia. E quando fui colocada em uma área que me causava desconforto, vi de maneira clara o que meus supervisores sempre diziam sobre a importância da relação terapêutica para a eficácia do tratamento.

2.3 Fabiana Martins Barbosa

2.3.1 Apresentação

Desde pequena, sempre tive muita vontade de abraçar o mundo e sempre me preocupava muito com os sentimentos das pessoas. Ficava extremamente incomodada ao ver alguma pessoa em condição de vulnerabilidade, ou até mesmo algum animalzinho de rua. Sem entender a crueldade do mundo, muitas vezes a minha vontade era de levar pra casa e cuidar, eu não entendia que nem sempre é possível fazer por todos. Durante o meu ensino médio, ouvi falar sobre a psicologia e meu interesse pela área foi crescendo ao passo em que o meu desejo de mudar o mundo também. Sem condições financeiras para iniciar a minha graduação dos sonhos, fui trabalhar aos meus 18 anos e ingressei na universidade sem auxílio financeiro de ninguém. Não foi um processo fácil, mas eu me dedicava ao máximo para alcançar meus sonhos e ajudar as pessoas como sempre sonhei, dessa vez, de forma diferente, com o poder da escuta e da fala e com o acolhimento necessário. Aos poucos, comecei a compreender que eu poderia fazer muito, não por todos, mas por quem cruzasse o meu caminho e assim fui me descobrindo dentro do curso e enquanto pessoa.

Durante o curso de Psicologia, diversos estágios são realizados a fim de que os estudantes consigam definir em que área atuar e adquirir experiência de acordo com essas vivências. Antes mesmo de ingressar no curso, sempre tive uma grande curiosidade em tentar compreender a subjetividade do outro, as interações sociais e as diferentes formas de enxergar

e se portar no mundo das pessoas. A escuta e a fala sempre fizeram parte de mim, enquanto ser humano, porém fui treinando essas habilidades ao longo das minhas vivências na graduação para que se tornassem qualificadas, imparciais e embasadas. Sentir a dor do outro me doía, e eu sempre quis fazer algo que pudesse ajudar a transformar essa realidade. Dessa forma, a interação clínica passou a fazer parte do caminho que eu desejava trilhar. Neste trabalho compartilharei minhas experiências na Psicologia Clínica.

2.3.2 Relato de experiência

Um dos estágios que mais despertou o meu interesse, sendo de extrema importância para a minha formação, foi o estágio clínico. O Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS) possui uma clínica conhecida como Clínica-Escola de Psicologia, que atende diversas demandas da comunidade de Lavras e cidades vizinhas.

É um dos únicos lugares na região a oferecer atendimento psicológico gratuito, que é realizado a partir de um cadastro e encaminhado para a melhor abordagem de atendimento. A Clínica-Escola foi inaugurada em 2008 com a finalidade não só de oferecer atendimento à comunidade e aqueles que não têm acesso a um Psicólogo, mas também de proporcionar aos alunos um aprendizado por meio da vivência de circunstâncias verdadeiras de atendimento em inúmeros contextos de atuação e abordagens.

Nesse estágio, pude vivenciar diferentes sensações, como o medo de lidar com o incerto, visto que aparecem diversas demandas, a responsabilidade de ouvir cada relato e auxiliar os pacientes em sua caminhada, o treino da habilidade de escutar e falar sempre buscando me adaptar cada atendimento e, principalmente, aprender a desvincular o lado pessoal do profissional.

Cada relato compartilhado na clínica foi único e essencial para o meu desenvolvimento. Todas as histórias que tive a oportunidade de ouvir me marcaram de alguma forma e sempre me faziam voltar para casa com o sentimento de querer ajudar a transformar a realidade de cada um e promover o bem-estar desses pacientes.

Além disso, a atuação clínica me proporcionou desenvolver aspectos fundamentais para a minha profissão como um todo como, por exemplo, a organização dos documentos de cada paciente, estipular datas para fazer e analisar cada relato e registro e a responsabilidade em manter o sigilo, que é um direito assegurado a todos os pacientes.

Através da atuação na Clínica-Escola de Psicologia descobri meu gosto pela área e me sentia extremamente realizada ao ouvir um “Me sinto muito melhor”. Sou extremamente

privilegiada pela oportunidade de ter sido a pessoa para que outras pudessem compartilhar suas diversas histórias e aquela em quem depositaram confiança para partilharem medos, angústias e conflitos.

Durante as etapas do estágio conheci diversos pontos de vista da Psicologia e demorei algum tempo para me encontrar, porém sempre tive um grande carinho pela Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), abordagem a qual mais me adaptei.

O modelo cognitivo foi originalmente construído de acordo com pesquisas realizadas por Aaron Beck, um dos autores mais conhecidos dessa prática. O processo de psicoterapia é de extrema importância na busca do autoconhecimento, a fim de que o sujeito consiga lidar com seus conflitos e vivências de forma funcional.

Para Pombo et al. (2016), a TCC ressalta que o retorno do sujeito quanto ao ambiente (*stress*), seja esse específico ou não, são uma consequência da maneira de pensar da pessoa sobre si mesma e do mundo, bem como das experiências vivenciadas por ele.

Tanto as pesquisas, quanto a prática clínica demonstram a efetividade da psicoterapia para lidar com diversos transtornos como depressão, ansiedade, fobias, transtornos de personalidade, síndrome do pânico, abuso de substâncias etc. A terapia Cognitivo Comportamental se mostra muito eficaz para abranger todas essas demandas.

Através do processo terapêutico é possível que o indivíduo identifique suas crenças e pensamentos disfuncionais e possa modificá-los interferindo na visão de si, das pessoas e de mundo. Sendo assim, o trabalho do psicoterapeuta é auxiliar que o outro possa se conhecer:

Fazer psicoterapia é trabalhar com intimidades. E ser terapeuta é busca em si o desprendimento para se fazer testemunha solitária do que de mais íntimo as pessoas trazem consigo. E desta forma catalisar o encontro e a autenticação do si mesmo que existe em cada ser. Autenticidade existente e constituída em ser si mesmo. E, no entanto, dependente da alteridade. Porque social. Porque revelado a si mesmo pelo testemunho solidário. (BARROS, PORCHAT, 2006, p. 10)

Através da citação acima, percebe-se que a psicoterapia tem como objetivo ajudar o sujeito a se conhecer e atuar em sociedade, porém sem perder sua identidade. Ao contrário, mostrando o que ele é, se aceitando e revelando para os demais a maneira como ele vê o mundo ao seu redor.

Porém, além do lado do paciente, nós, enquanto terapeutas, também devemos nos preparar, tanto teórica, quanto emocionalmente, para lidarmos com todas as queixas. Por isso,

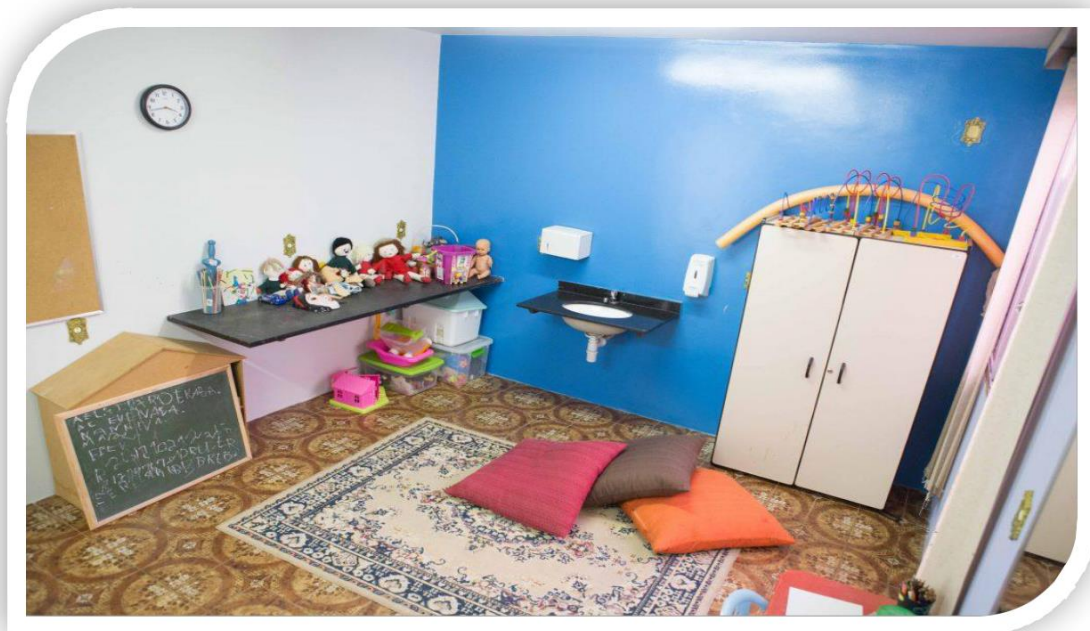
durante os atendimentos são realizadas supervisões semanais com um professor responsável por cada abordagem que orienta e ajuda a conduzir as análises de caso.

O supervisor direciona, informa, questiona, sugere e auxilia na análise dos pacientes, sempre buscando alinhar teoria e prática. Portanto, esse profissional pode ser interpretado como promotor da aprendizagem, o qual atua por meio de uma perspectiva colaborativa, o que acaba por influenciar o supervisionando (BARLETTA; FONSECA; DELABRIDA, 2012).

Por diversas vezes me vi diante de casos clínicos em que eu não conseguia pensar nas intervenções mais efetivas e necessitei de suporte para conduzir algumas sessões. Porém, é importante lembrar que ao longo da prática é que se adquire experiência. Dessa forma, apesar de ser um processo muito complexo, atuar na área clínica para mim é algo muito gratificante e contribuiu muito para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Apesar de não ter trabalhado com crianças, a Figura 8 mostra os recursos lúdicos oferecidos para trabalhar com essa classe na clínica onde estagiei. Importante ressaltar a importância da ludicidade na terapia com crianças, visto que não são poucas às vezes em que elas demonstram nas brincadeiras suas verdadeiras emoções e sentimentos.

Figura 8 – Detalhes da sala de ludoterapia

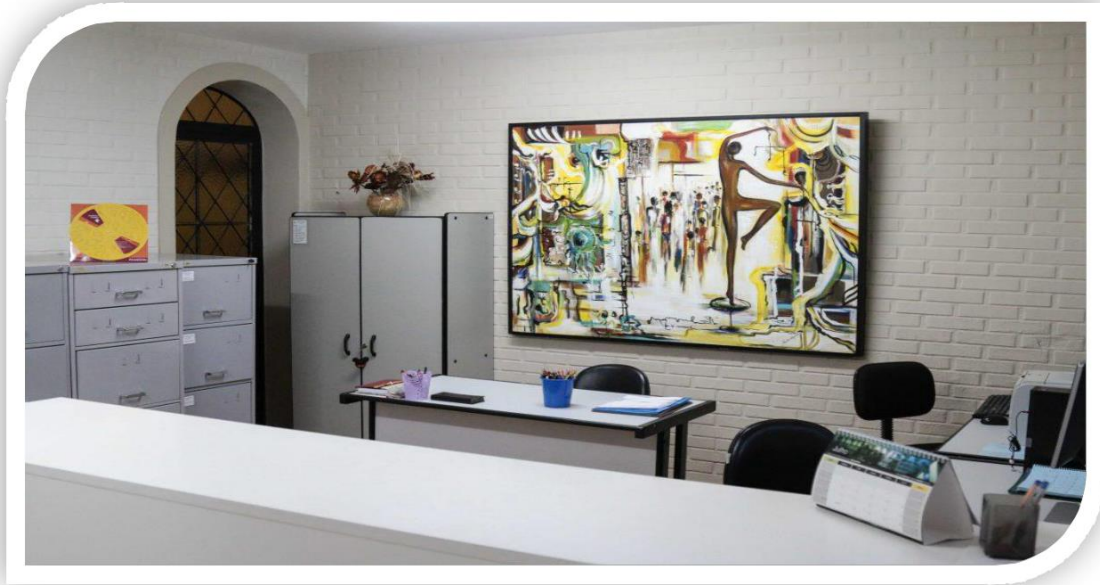


Fonte: arquivo dos autores (2019)

Nesse sentido, Silva et al. (2019) relata que “a ludoterapia é uma importante aliada do desenvolvimento social da criança e permite que essa se expresse de uma forma a se fazer

ouvida e faz com ela crie opiniões sobre si e sobre o mundo social ao seu redor.” (SILVA et al., 2019, p. 12).

Figura 9 – Recepção da Clínica-Escola de Psicologia do UNILAVRAS



Fonte: arquivo dos autores (2019)

2.4 Gabriela Figueiredo Corrêa

2.4.1 Apresentação

Antes de relatar sobre a jornada na Psicologia e a importância dos trabalhos realizados a partir da minha formação, farei uma breve apresentação pessoal para que possam ter uma ideia de quem está redigindo esse relato. Sou natural da cidade de Lavras, Minas Gerais e desde pequena tenho muitos sonhos e em todos eles eu me sempre me encontrei ligada ao próximo e ao coletivo. Durante minha vida, sempre me via preocupando e buscando uma forma de ajudar e estender a mão, por vezes até de forma utópica, acreditando que eu seria capaz de melhorar o mundo e todos aqueles que precisam, coisa que depois percebi que não é possível, mas mesmo assim considero que seja um ponto importante para que minha jornada na Psicologia tenha começado.

Quando iniciei minha jornada na Psicologia sabia que não era a minha primeira opção de curso. Tinha em mente realizar outra graduação, sendo a Psicologia minha segunda opção. Porém, ingressei no Centro Universitário de Lavras para realizar o curso. Esta oportunidade

surgiu por meio de um programa de financiamento estudantil, o FIES. Então iniciei minha trajetória. No início, não sabia muito bem o que desejava com a formação e não tinha ideia de quão grande era o leque de possibilidades de um profissional da área.

A paixão pela profissão começou a crescer quando iniciaram os estágios sociais, no segundo ano de curso, e estive em contato com o que de fato era o papel do Psicólogo e sua atuação. A partir disso, minha visão foi ampliando e junto dela o sentimento de satisfação pela graduação. E, com os estágios na Clínica-Escola de Psicologia do UNILAVRAS, pude ter certeza de que era o caminho que eu queria seguir como profissão.

Durante o curso, tive momentos de altos e baixos, pensamentos de que não iria conseguir concluir e até mesmo em desistir do curso e, conseqüentemente da profissão, mas, a cada contato que tinha com os pacientes, tanto na área clínica quanto a social, esse sentimento era substituído pela esperança e pela vontade de persistir e continuar trilhar meu caminho dentro da Psicologia.

Meu lado pessoal anseia por uma mudança humanitária, pela melhoria no mundo de forma geral e crê na capacidade do ser humano de melhorar e ser menos autodestrutível. Em contrapartida, meu lado estudante de Psicologia entende que ser uma facilitadora no processo de evolução de uma única pessoa já é algo significativo e válido.

Portanto, a Psicologia trouxe a visão de que não é possível que uma pessoa mude o mundo todo, o que muitas vezes me causava conflito, mas que é possível ser uma figura que ajuda e permite que o outro enxergue suas potencialidades para mudar a si mesmo.

Neste trabalho, irei apresentar as atividades que foram desenvolvidas em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) localizado em uma cidade de Minas Gerais. A supervisora foi a professora Paula de Deus Vieira, no segundo semestre de 2019. As atividades foram desenvolvidas por um grupo de quatro alunos do curso de Psicologia, que compareciam ao local, semanalmente, às quintas-feiras, no turno matutino, para trabalhar dinâmicas com um grupo de pessoas inseridas em um projeto de ginástica que o programa oferece. O objetivo era levar a essas pessoas momento de reflexão e, à instituição, a atuação do Psicólogo no contexto da assistência social.

Os métodos utilizados foram dinâmicas previamente elaboradas pelo grupo de estagiários para que fossem aplicadas nos encontros. A elaboração era feita a partir das principais demandas que iam surgindo nos encontros. As atividades eram divididas em dois

momentos: a aplicação dinâmica em si e, posteriormente, um breve momento de reflexão sobre o que foi trabalhado para concluir o que havia sido aplicado. Também conduzimos uma breve apresentação pessoal no início das tarefas.

2.4.2 Relato de experiência

Os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) é uma entidade pública do SUAS (Sistema Único de Assistência Social) e tem como objetivo a prevenção de situações de vulnerabilidade social. Refere-se a uma unidade da rede sócioassistencial de proteção social básica, que se diferencia das demais, pois além da oferta de serviços e ações, possui as funções exclusivas de oferta pública do trabalho social com famílias.

Regulamentado no ano de 2004 em todo território brasileiro, através do SUAS, o CRAS tem por objetivo principal oferecer assistência à famílias e pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social ou pessoal, oferecendo diversos recursos e atividades que favorecem a ampliação dos laços familiares e sociais, por meio de serviços de proteção básica para a população do bairro no qual está localizado.

Figura 10 – Atividades de reflexão em forma de roda de conversa



Fonte: arquivo dos autores (2019)

A figura 10 registra um momento de reflexão em grupo, após a realização de uma dinâmica. É importante que esse momento exista para que as pessoas envolvidas possam refletir e falar sobre os eventos de sua vida pessoal e compartilhar sentimentos e apreensões com os demais.

O trabalho realizado no CRAS foi uma oportunidade que surgiu através da realização dos estágios supervisionados na área psicossocial. A proposta é de ampliar tanto o conhecimento prático dos estudantes do curso de Psicologia na área social, quanto ter a visão da necessidade da inserção do profissional da Psicologia no campo das políticas públicas e comunitárias.

Durante a execução e desenvolvimento das atividades, tive a oportunidade de vivenciar diversas experiências que foram significativas e tiveram impacto profundo na minha visão do trabalho social e do trabalho em grupo. Acompanhar um grupo de pessoas, após as atividades de ginástica laboral, por meio de dinâmicas previamente estabelecidas e elaboradas, propiciava um momento de reflexão para o grupo e para mim.

Os encontros aconteciam uma vez por semana, nos quais tive a oportunidade de me reunir com diversas pessoas, escutar vivências e ajudá-las a resgatar alguns pontos significativos de sua história pessoal, através da escuta e das dinâmicas grupais.

Figura 11 – Registro de uma das dinâmicas aplicadas



Fonte: arquivo dos autores (2019)

A figura 11 representa um momento no qual nos reunimos com o grupo para a discussão de um tema que foi proposto. Durante a dinâmica, as pessoas envolvidas estão compartilhando suas histórias e vivências.

É indispensável que se compreenda a relevância do trabalho realizado em grupos,

devido ao fato de que conforme Zimerman (1993, p. 51) o indivíduo “desde o nascimento, ele participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social” e esses grupos influenciam na formação crítica e social do sujeito, além de oferecer, ou não, a ele, a sensação de pertencimento. No trabalho realizado foi perceptível como esses grupos são marcantes e acarretam no sujeito crenças e valores que quando exteriorizadas em uma reflexão conjunta podem ter o mesmo segmento, uma vez que uma das características da composição de um grupo de vertente terapêutica é abranger indivíduos com interesses em comum.

Durante as atividades, foi possível perceber que os relatos de uns participantes desencadeavam emoções nos outros e principalmente passavam por um processo de identificação, visto que as histórias de vida de cada um é atravessada por questões sociais e familiares semelhantes e dessa forma, conseguiam compartilhar suas emoções e frustrações. Zimerman (1993, p. 47) afirma que “um grupo se comporta como um catalizador: a emoção de um desencadeia emoções nos outros e a emoção de cada um é amplificada pela presença dos outros”.

Quando se fala sobre a questão social em grupo de pessoas como o do CRAS, é comum o processo de identificação entre os membros. Ressalto que os indivíduos que estão inseridos em contextos e aflições semelhantes e apresentam um padrão social vulnerável. Com esses encontros, buscam um suporte da assistência social para lidar com tais questões. Segundo o Ministério de Desenvolvimento Social (2015), o CRAS refere-se a um local de atendimento ao público, que se localiza em áreas consideradas socialmente vulneráveis, oferecendo serviços de assistência social que buscam o fortalecimento de vínculos familiares e sociais. Funciona atendendo pessoas e famílias que se encontram em situação social considerada disfuncional ou desapropriada, oferecendo os serviços e benefícios.

Dessa forma, o centro busca amparar essas pessoas que se encontram em vulnerabilidade oferecendo um serviço com atividades diferenciadas, suporte e despertando potencialidades que estavam silenciadas através de atividades como ginástica, terapias ocupacionais, dança, jiu-jitsu, entre outras maneiras de se expressar.

Figura 12 – Crianças e adolescentes participando de atividades de jiu-jitsu do CRAS



Fonte: arquivo dos autores (2019)

A figura 12 ilustra a roda esportiva formada pelas as crianças e adolescentes inseridos no programa. Atividade esta que era feita logo após o nosso trabalho no CRAS. Alguns desses menores participavam vez ou outra das oficinas que propúnhamos.

O trabalho do Psicólogo no CRAS faz-se indispensável uma vez que, por intermédio de sua atuação, o indivíduo que chega até o programa desamparado, pode encontrar o fortalecimento de vínculos sociais e familiares. A estrutura familiar foi uma demanda que apareceu muito durante o estágio. Houve muitos relatos e desabafos e, a partir do trabalho em grupo, proporcionamos novas visões para a minimização do sofrimento dos participantes e até mesmo sua emancipação.

De acordo com a cartilha de Referência Técnica Para Atuação do(a) Psicólogo(a) no CRAS/SUAS, do Conselho Federal de Psicologia (2008), o profissional da Psicologia “pode participar de todas essas ações, articulando a sua atuação a um plano de trabalho elaborado em conjunto com a equipe interdisciplinar”. Sendo assim, o Psicólogo tem oportunidade de atuar de formas diferenciadas no CRAS e com os demais profissionais do local, podendo fazer trabalhos tanto em grupo como o que foi realizado no estágio, como de forma individual para aqueles que mais necessitam desse suporte.

Acredito que o nosso trabalho teve grande valia, uma vez que foi possível visualizar a necessidade que pessoas em situação de vulnerabilidade social têm em relação ao acesso a trabalhos mais humanizados.

Figura 13 – Escuta ativa dos estagiários de Psicologia em roda de conversa do CRAS



Fonte: arquivo dos autores (2019)

A figura 13 representa um dos papéis do Psicólogo em instituições como o CRAS que é de acompanhar o grupo, levando-o a refletir sobre a realidade. Além disso, ser escuta para as demandas que surgem, na tentativa de fortalecer os vínculos familiares e sociais.

Acredito que o caminho da Psicologia nessas instituições, no âmbito social e comunitário, é algo crescente e que tende a ser cada vez melhor realizado, sendo inegável a importância desses profissionais nesse campo de atuação. Não se pode considerar o ser humano como um indivíduo dotado apenas de realidade psíquica, mas sim à luz das interferências externas e sociais, que o colocam em situação de necessidade de apoio. Tal suporte é o que propõe oferecer os CRAS.

2.5 Matheus Henrique Carvalho Francisco

2.5.1 Apresentação

O que mais gosto na escrita é que ela me concede a oportunidade de fazer parte da vida das pessoas que de outro modo não seria viável. Permita-me apresentar. Sou o Matheus Henrique e acredito que você sempre vai fazer aquilo que nasceu para fazer. Sou cristão e gosto muito de café. Meu intuito é lhe contar um pouco da minha história para que possa ficar mais fácil a compreensão da minha escolha para o presente trabalho.

Não me recordo ter tido contato com a Psicologia antes da graduação. Apenas uma vez ouvir dizer em um livreto, de forma bem superficial, sobre os mecanismos da mente. Surgiu a oportunidade de prestar o vestibular no UNILAVRAS (Centro Universitário de Lavras) ainda sem saber qual curso escolher. Optei pela Psicologia e, quando passei, não sabia o que fazer, mas fui encorajado pelos familiares e “deu no que deu”, não é mesmo?! Estou na reta final.

A priori foi um susto, estava completamente perdido, porém, topei o desafio e com o tempo fui me adaptando e vendo que não era tão difícil quanto imaginava antes. No decorrer das disciplinas, em especial as de cunho social, fui me identificando e observando que muito dos trabalhos que eram feitos pela Psicologia, eu fazia de forma similar. Não tinha conhecimento técnico, mas sempre o envolvimento com projetos sociais por meio da dança, do *grafitti*, entre outras atividades.

No quarto período fiz um dos trabalhos que mais me marcou durante o curso. Foi em um Serviço de Acolhimento Institucional, no sul de Minas Gerais, sob a supervisão da então Professora Magali Milene Silva. Impactou-me muito, pois tive a oportunidade de conhecer de perto uma realidade social com outra perspectiva. Agora estava voltada para a escuta das crianças e dos adolescentes. Antes da graduação já tive contato com a instituição, mas com o foco de levar entretenimento.

2.5.2 Relato de experiência

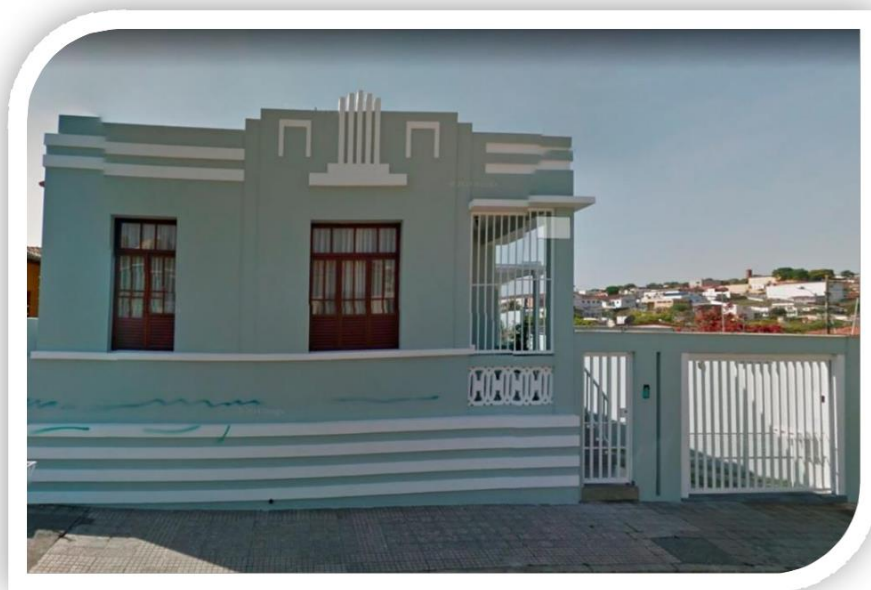
Resoluções e leis específicas da área da assistência social o Brasil formalizam a traz a oportunidade de trabalhar em redes, contando com um número maior de possibilidades de serviços que possa atender não só a crianças e adolescentes, mas, também, seus familiares e pessoas que convive na comunidade. Assim, é mais fácil trabalhar o fortalecimento de vínculos e reintegração familiar.

O projeto de extensão teve como alvo o abrigo de crianças e adolescentes e questões a ele relacionadas, tais como avaliação de situações denunciadas, trabalho com as famílias biológicas, famílias acolhedoras e famílias adotivas, com a equipe do abrigo e a comunidade próxima às crianças e adolescentes internos. Através da escuta na perspectiva psicanalítica pude ampliar as alternativas para executar um trabalho com qualidade.

As crianças e adolescentes chegam naquela instituição por meio de denúncias de maus tratos ou negligência de cuidados básicos por parte dos pais que, em sua maioria, são usuários de drogas. Isso culmina na separação parental que Valente (2008) vai relatar em sua tese de mestrado: que nós temos um histórico que é carregado de rompimento de vínculos parentais e isso mostra que está no momento de desenvolver soluções mais humanizadas a esse sujeito em desenvolvimento.

No início tivemos algumas restrições que com o tempo se tornaram mais flexíveis e isso permitiu que o projeto pudesse ser proveitoso, já que eu estava atuando com os alunos do décimo e sexto período e que tinham uma bagagem de conhecimento e experiência maiores. Eram feitas reuniões com a coordenação do Serviço de Acolhimento Institucional (SAI) sobre a possibilidade da implementação do projeto e os processos a serem seguidos. Em contrapartida, fazíamos dinâmicas, trabalhos em grupo com as crianças e atendimento individual (sempre que possível, porque não tinha uma sala específica para atendimento), a fim de conhecer melhor a realidade das crianças e dar a oportunidade de fala para a criança/adolescente que, muitas vezes, tinha a subjetividade abafada e a individualidade negligenciada.

Figura 14 – Fachada da casa de acolhimento institucional



“Que casa é essa da figura 14?”. Tem uma localização central, boa estrutura, com horta grande e vários cômodos. Aconchegante, bem familiar e voltada para o compromisso coletivo. Há um grupo pessoas que se divide e trabalha para auxiliar durante 24 horas no cuidado aos acolhidos.

As atividades desenvolvidas tiveram a duração de seis meses, envolvendo reuniões com a equipe de coordenadores e observação dos trabalhos realizados no serviço, além da elaboração de projetos de intervenção junto à equipe, diálogos com os Psicólogos responsáveis e execução dos projetos junto às crianças abrigadas, seus familiares, funcionários do abrigo e comunidade. As reuniões eram semanais e junto ao coordenador do projeto que avaliava o andamento das ações.

As atividades semanais no abrigo eram escolhidas com base no tema determinado pelas crianças e adolescentes, a fim de desenvolver uma maior adesão. A que mais me impactou foi quando usamos o filme “DivertidaMente” como base para trabalhar as emoções e lhes tocou de uma maneira que não esperávamos.

Em um dos pontos do filme, a personificação da emoção tristeza reúne a família da Riley (personagem principal) e diz que a tristeza não é tão ruim quanto parece. Sempre há um lado bom em nossas emoções, nem que seja o aprendizado sobre elas. Depois de assistir ao filme, algo aconteceu de forma inédita, os acolhidos foram prontamente realizar suas tarefas rotineiras. Até esse dia, eles nunca fizeram isso, na verdade foi a única vez que fizeram isso em nossa presença e não quiseram conversar sobre o assunto.

Assim, alguns foram a organizar o quarto, lavar a bicicleta, lavar o banheiro, dentre outras coisas. Isso gerou um incômodo muito grande em mim, pois percebi que estavam tocados pelo distanciamento dos familiares e cheios de conflitos internos.

Infelizmente não há registros fotográficos das atividades desenvolvidas durante o projeto de extensão. Foi enviado um e-mail para a coordenação solicitando as fotos, no entanto, devido as diretrizes da instituição não foi possível ter acesso aos registros, sendo assim, impossibilitou uma ilustração mais precisa do trabalho.

3. AUTOVALIAÇÃO

3.1 BRENDA SILVA PAULINO

Não há despertar da consciência sem que se passe por momentos de angústias e o meu caminho acadêmico perpassa claramente por essa linha tênue. Vivenciar, conhecer diferentes realidades sempre me causou uma miscelânea de sentimentos e no decorrer de cada dia do estágio, tornava-se mais visível o ato de lidar com todos esses impasses. Contudo, as circunstâncias me proporcionaram a sensação de que foram plantadas sementes, que me rendem frutos e flores até os dias de hoje.

Sinceramente, eu tive um maior apreço pelos estágios escolares. A maioria eu realizei com crianças. Elas verbalizavam e demonstraram um grande afeto. Não obstante, eu procurava instruir que em algum momento seria a hora de se despedir, mas sentia um pesar nos encerramentos, ponderava comigo mesma se todos os “pequenos” estavam preparados para isso.

Receios sempre existirão e agora compreendo melhor que fazem parte do processo de conviver com pessoas e suas infinitas nuances. Cada história sobre as crianças que tomei conhecimento me transformou de algum modo. Existiu o sentimento de querer fazer muito mais por cada uma. Deparei-me com esse desejo de cuidar, pois o lado humano não se separa do profissional; porém passei a perceber que toda construção se dá do zero e, posteriormente, se edifica, e é relativamente frustrante até se dar conta que mudanças não surgem do dia para a noite e que os resultados aparecem em cada detalhe. Observar, motivar, da voz às crianças, escutar, acolher e orientar confirmam o quão crucial é o trabalho do Psicólogo.

Ao passar dos dias, tornou-se possível observar os resultados, enxergar os desacertos e procurar melhorá-los. É extremamente gratificante ouvir que você está se esforçando, dedicando e seguindo o caminho certo. O melhor ainda foi quando eu mesma passei a visualizar isso. Acredito que todas as experiências nos agregam e nos apresentam uma nova versão de um universo de possibilidades. Apreciando e mensurando cada momento que vivi nesse estágio, minha “balança” pesa no sentimento de satisfação pelos passos dados e por estar aqui encerrando um ciclo tão construtivo e precioso que irá alicerçar minha futura profissão e as minhas próximas escolhas.

3.2 ELISA CARDOSO DE SOUZA

Com base nessas experiências relatadas, pode até ser clichê, mas digo que todo começo é difícil. Esse não poderia ter sido diferente. Lutei muito até conseguir chegar aonde estou, atingir o meu progresso como pessoa, como profissional, que ficará marcado para sempre em minha trajetória.

Apreendi que para mudar um problema, se se quer mudar realmente, é necessário em primeiro lugar, aceitar que há um problema. Apreendi também que uma terapia não tem “preço”, mas um valor imensurável. É importante entender que nós trabalhamos com a empatia. Pensar no que seria de nós sem a capacidade de nos colocar no lugar do outro e, principalmente, sem nossos pacientes. Apreendi a ter confiança em mim, no meu trabalho e nas minhas habilidades por mais desafiadora que seja a situação.

Sei que me esforcei muito para dar o melhor de mim e ser uma boa acadêmica e estagiária. Sigo acreditando que a terapia não é apenas benéfica para quem está sendo atendido, mas sim, para nós, Psicólogos, também. Nessas trocas de experiências com os pacientes foi onde mais aprendi. Eles, sem saber, me ensinaram sobre amor, paciência, cuidado, gratidão e a importância da minha própria profissão. A eles sou grata.

3.3 FABIANA MARTINS BARBOSA

A autoavaliação é uma tarefa árdua, especialmente, porque na grande maioria de nossas vivências nutrimos expectativas tanto em relação aos eventos, quanto em relação a nós mesmos. Um questionamento que sempre me fiz foi “Será que eu vou dar conta?”, principalmente, porque não sabemos que tipo de demanda vai aparecer, nem aquilo vai te tocar e que ferramentas utilizar.

Os estágios clínicos foram acontecendo em etapas, onde o primeiro passo foi a triagem dos pacientes, um processo relativamente simples, mas que gerou muita ansiedade no início. Lembro do primeiro paciente com quem tive contato e ele também deve se lembrar de mim, pois era muito evidente que eu estava mais ansiosa que ele.

A partir disso, a cada dia que se passava, eu aprendia um pouco mais e ia me adaptando nessas interações. O saber teórico é fundamental para conseguir conduzir qualquer caso clínico, mas são nessas trocas que a gente mais aprende. Cada caso me despertou um sentimento diferente. Cada demanda me exigiu um estudo diferente.

Atuar na clínica exigiu que eu treinasse hábitos que não faziam parte da minha rotina, tais como preparar e fazer minhas atividades com antecedência, ser organizada com materiais e ter uma escuta livre de julgamentos. Essa é uma das tarefas mais difíceis de ser Psicóloga na minha visão, tendo em vista que em muitos momentos nos confrontamos com pessoas com posicionamentos muito discrepantes dos nossos e, mesmo assim é necessário entender e respeitar a realidade do outro. Você deve estar inteiro em um processo terapêutico, mas é preciso deixar as crenças e valores pra fora da porta.

Outro ponto importante de ser ressaltado é que no processo de psicoterapia, descobri coisas não somente dos pacientes que atendia. Percebia crenças que eram minhas surgindo em alguns momentos, como, por exemplo, julgar que a sessão não tinha sido tão produtiva e ao receber um *feedback* positivo do paciente depois, comprovava que nada mais era uma certa insegurança pessoal aparecendo.

Aprendi que nem sempre é necessário falar muito para que seja efetivo o atendimento. Colocar o paciente para pensar, para confrontar seu silêncio e para pensar na falta de respostas para suas próprias perguntas já é um ato terapêutico. Apesar de pertencer à outra abordagem, compartilho da ideia de Carl Yung quando ele diz “conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.

Considero a minha atuação na clínica como positiva, mas ainda em construção. Sinto que consegui atender as demandas que chegaram até mim dentro das minhas possibilidades e sempre me entregando e dando o meu melhor, porém acredito que ainda há muito a aprender e que posso aperfeiçoar cada vez mais não somente a técnica, mas também a minha vivência enquanto terapeuta.

3.4 GABRIELA FIGUEIREDO CORRÊA

Inicialmente, posso dizer que a minha expectativa em relação a esse estágio não era atrativa. Não acreditava que poderia ter experiências tão significativas para a minha vida acadêmica e, sobretudo, para a formação acadêmico-profissional.

No que se refere à minha participação nas atividades realizadas no CRAS, no

início foi um desafio devido ao fato de que o grupo não se abria muito, existia mais uma necessidade deles ouvirem o que a gente tinha para dizer. Então, compreender o porquê estávamos ali, implicou em compartilhar algumas ideias, mas motivar a confiança das pessoas ao narrar suas histórias vida.

Sendo assim, trabalhamos de forma a estabelecer vínculos consistentes com aquelas pessoas para, posteriormente, percebê-las mais participativas. O estabelecimento de vínculo causou certo receio, pois era um grupo grande e, conseqüentemente, com histórias de vida diversas e, apesar de algumas características bem parecidas em alguns casos, eram pessoas bem distintas e complexas.

Durante o estágio no CRAS, foi notável o quanto a cada encontro o grupo se implicava mais em dividir suas histórias e isso causou um impacto positivo em mim, visto que, de certa forma, o que estava sendo feito ali por nós estagiários de Psicologia estava surtindo efeito. O receio que eu estava no começo de não conseguir estabelecer um vínculo foi cessando e consegui perceber que até a interação com eles ia se tornando mais tranquila para ambos os lados.

Quando penso em algumas habilidades que adquiri com esse estágio, sem dúvidas me vem a habilidade de escuta. No modelo que estávamos atuando ali, a ferramenta mais preciosa e necessária foi ela.

Não foi possível ouvir cada pessoa de forma separada por questões de carga horária e outras burocracias, portanto não eram feitas intervenções diretas, mas pude perceber e consegui valorizar mais ainda o ato da escuta, pois através disso, algumas pessoas ali presentes puderam colocar para fora sentimentos e coisas que tinham necessidade de falar, mas não tinham com quem fazê-lo.

Outro ponto importante foi justamente o ato de estabelecer vínculos, mas não só entre mim, como estagiária de Psicologia e eles, mas sim de ser uma facilitadora no processo dessas pessoas estabelecerem vínculos entre si e, com isso, conseguirem compartilhar, mutuamente, suas vivências e experiências.

Foi um processo de amadurecimento e abertura de visão para o trabalho realizado pelo Psicólogo em uma entidade de atenção em assistência social. Surgiu em mim um sentimento maior de valorização do trabalho realizado com grupos e visualizei a importância que eles têm para as pessoas que estão inseridas em programas como os realizados no CRAS.

3.5 MATHEUS HENRIQUE CARVALHO FRANCISCO

Toda experiência é única e essa em específico foi muito rica. Pude aprender a lidar com diversas situações de maneira mais madura e profissional. Durante os estudos e planejamentos das atividades, tive a oportunidade de ampliar meu conhecimento e agregar valor ao grupo.

Percebi que nem sempre podemos fazer aquilo que almejamos, independente da instituição, seja ela pública ou privada. Sempre haverá empecilhos e vamos ter que relevar, lidar com frustrações e dar o nosso melhor perante o que for possível. O importante é jamais perder de vista o propósito e o comprometimento em ajudar.

No caso específico da casa de acolhimento, devemos escolher nossas ações de forma cuidadosa antes de levá-las para os acolhidos que na, em sua maioria, estão ali contra suas vontades. “Pode ser que leve muito tempo até que o Estado perceba esses deveres e cuidados como sendo urgentes” (Freud, 1919, p.201) e cabe a nós como um papel ético auxiliar dentro da nossa realidade.

Considerando os escritos de Freud em “Caminhos da terapia psicanalítica (1919/1918)”, ele prevê que a Psicanálise, em algum momento, investirá junto às classes menos favorecidas, alegando ser responsabilidade do Estado e chamando a atenção para o seguinte: qualquer que seja a forma de psicoterapia para o povo, quaisquer que sejam os elementos dos quais se componham, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa. (FREUD, 1919). Embora um desinteresse governamental por tais causa, sempre haverá profissionais que vão apontar a falha e lutar pelo direito daqueles que não tem condição ou conhecimento suficiente para que se erga de forma efetiva e não apenas em momentos intermitentes. Um grande exemplo é a super valorização dos projetos sociais em época de política.

Assim, digo que foi muito gratificante ver que estávamos colocando as crianças a “trabalho” de si mesmas, dando voz a elas, que até então não tinha um espaço de fala e que a cada semana víamos o desabrochar de suas emoções. Mas ao mesmo tempo cortou o meu coração ouvir uma frase: “você voltam quando?”. Não foi a primeira vez que ouvi isso e imagino que não seja última, pois nem sempre voltarei. A importância de dar o nosso melhor no momento presente é porque nunca sabemos sobre o dia de amanhã.

4. CONCLUSÃO

*Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição*

(“Para não dizer que não falei das flores”, Geraldo Vandré)

Os estágios, no decorrer da graduação de Psicologia, são imprescindíveis para que possamos adquirir experiências nas práticas psicológicas. Do mesmo modo, a supervisão e a discussão entre os colegas nos permitem tecer reflexões sobre os trabalhos desenvolvidos, agregando na constituição de conhecimento teórico-prático. Dessa maneira, torna-se possível que amadureçamos enquanto pessoas e profissionais. As vivências também nos auxiliam no desenvolvimento de habilidades, como resolução de problemas práticos, fala em pública, escuta atenta e compreensão de diversas realidades.

A elaboração do presente portfólio nos oportunizou a chance de aprofundamento do conteúdo, reverberando sobre a nossa atual expansão de conhecimento. Através dos estágios, o manejo das demandas que surgiam foi moldado e aperfeiçoado. É possível visualizar o quão grande e significativo foi o desenvolvimento de nós cinco, enquanto acadêmicos, e todo o resultado positivo servirá de ponte para a nossa inserção no mercado de trabalho.

Rememorar e compartilhar as nossas experiências, em conjunto, foi de suma relevância para nossa caminhada. Este portfólio seguirá conosco, como nossa bagagem pessoal e símbolo de transcendência na aprendizagem. Nessa reta final da graduação, aconteceram reconexões com cada um desses sujeitos que convivemos nesses estágios.

Este portfólio traz a ressignificação de nossas experiências, sendo boas ou ruins, e nos permitiu ver a situação por uma nova perspectiva. Voltamos a explorar a nós mesmos, procurando sentido para aquilo que ancora a nossa formação com mais transparência e coragem. Conseqüentemente, contemplamos a nossa capacidade de realizar trabalhos nas áreas que foram especificamente tratadas aqui, atender às diversas demandas que surgiram, representar empaticamente o futuro papel de profissionais na Psicologia.

Desenvolver um trabalho como este, possibilitou a reflexão sobre as inúmeras condições corriqueiras da graduação, que vistas através de diferentes ângulos, foram fundamentais para nossa constituição. Durante todo o processo de formação, estivemos imersos em atividades grupais que não eram bem desenvolvidas e que causavam conflitos pelas ideias distintas das partes envolvidas. Contudo, na elaboração deste portfólio ficou claro para nós a importância do trabalho em equipe e a desenvoltura essencial para lidar com ideias e ideais diferentes.

A construção do portfólio marca um momento em que a concórdia e o compartilhamento entre os membros foi substancial. Isso porque os relatos estão conectados entre si, exigindo uma troca de olhares diante das situações partilhadas. Portanto, afirmamos que foi realizada de maneira proveitosa e colaborativa, na qual um se dispôs a ajudar o outro nos momentos necessários e isso nos fez visualizar a nossa evolução como estudantes, profissionais e acima de tudo como pessoas.

É importante ressaltar também o significado da participação da orientadora, Ana Maria Biavati Guimarães, durante todo o construto. Ela nos ofereceu suporte e os devidos direcionamentos durante todas as etapas da formulação do material, colaborando no resgate e ressignificação das experiências de forma mais humana e segura e nos permitindo vislumbrar nosso potencial e habilidades, que foram florescentes ao longo do curso.

Findamos dessa forma, ressaltando que são múltiplas as possibilidades de atuação do Psicólogo e a necessidade da presença desses profissionais qualificados nos mais diversos campos, sejam esses de vertente social ou clínica, pontuando assim o quão importante se tornou cada uma das teorias aprendidas e colocadas em práticas diante dos estágios e em nossa formação profissional.

Sabemos que as experiências da Elisa e da Fabiana na Clínica-Escola de Psicologia do UNILAVRAS são, também, parte de nós. Hoje, temos certeza que a vivência da amiga Gabriela no CRAS fala também dos nossos encontros dentro da Psicologia Social. Ademais, compartilhamos dos sentimentos de afeto e de certa angústia trazidos pelos Matheus, diante da realidade de uma casa de acolhimento de crianças e adolescentes. E, por fim, sentimos que a presença da Brendha em uma escola levou alegria, carinho e aprendizado às crianças do educandário e é isso que sentimos hoje.

Finalmente, queremos findar este portfólio, com uma canção que fala de amizade, esperança, compromisso social, transformação, emancipação dos sujeitos e encontro entre as pessoas com propósitos. Afinal de contas, estabelecemos com a Psicologia isso: uma viagem do mundo do eu ao mundo do outro a partir das experiências em Psicologia Clínica e Social.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES
(Geraldo Vandré)

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não

Caminhando e cantando

E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, G. M. et al. Portfólio: conceitos básicos e indicações para utilização. Universidade Estadual de Londrina\Paraná-Brasil. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 17, n. 33, pp. 137-145. jan./abr. 2006.
- ALVES, D. L. O vínculo terapêutico nas terapias cognitivas. In **Revista Brasileira de Psicoterapia**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 55-71, 2017
- BARLETTA, J. B.; FONSECA, A. L. B. da; DELABRIDA, Z. N. C. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 153-167, 2012.
- BARROS, P.; PORCHAT, I. **Ser terapeuta: depoimentos**. 5 e. São Paulo: Summus, 2006.
- BECK, Judith S. **Terapia Cognitiva-Comportamental: teoria e prática**. 2. e. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BRASIL. **ECA- Estatuto da criança e do adolescente**. Lei 8069 de 13 de julho de 1990. Acesso em 12/10/2020, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- BRASIL. **Centro de Referência de Assistência Social**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.
- BRASIL. **Centro de Referência de Assistência Social**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2015.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). **Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS**. - Brasília, CFP, 2007.
- FALEIROS, E. A. Aprendendo a ser psicoterapeuta. In **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2004, v. 24, n. 1, p. 14-27.49
- FREUD, S. (1856 – 1939). **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Cláudia Dornbusch. 2 e. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GONÇALVES, L. O. Plantão psicológico em Unidade Básica de Saúde: atendimento em abordagem humanista-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 225-232.
- HERZBERG, E.; CHAMMAS D. Triagem estendida: serviço oferecido por uma Clínica-Escola de Psicologia. In **Paideia**, 19(42), 107-114, 2019.
- LOGAN, N. Avaliação Diagnóstica de Crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. POMBO, S. et al. Para uma intervenção cognitivo-comportamental culturalmente adaptada: implicações para a prática clínica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 17, n. 3, p. 561-574, dez. 2016.
- ROCHA, M. C. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. In **Revista do Nufen**, v. 3, n. 1, p. 119-134, 2011.
- SILVA, A. T. I. Terapia cognitivo comportamental e a ludoterapia com crianças com TDAH.

Anais do 17º Congresso de Iniciação Científica, v. 17, p. 1-5, 2019.

VALENTE, J. A. G. **Acolhimento familiar como garantia do direito à convivência familiar e comunitária**. Tese (Mestrado em Serviço Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **A Criança e o seu Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIEMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

ANEXOS**ANEXO A – CARTAS-CONVITE E TERMOS DE ACEITE****CARTA DE CONVITE E DOCUMENTO DE ACEITE**

**Ilma. (o) Sra.
Orientadora**

Prezada Senhora: Ana Maria Biavati Guimarães

O Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS convida-a (o) para compor a Banca Examinadora da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do (a/os/as) aluno (a/os/as) **Brendha Silva Paulino, Elisa Cardoso de Sousa, Fabiana Martins Barbosa, Gabriela Figueiredo Corrêa, Matheus Henrique Carvalho Francisco**, do curso de **Psicologia**, intitulada: **“Do mundo do eu ao mundo do outro: Relatos de experiências em Psicologia Clínica e Social”** a realizar-se no dia **24/11/2020**, às **21h 30 min** horas, na **sala virtual de “Seminários de Pesquisa”** desta Instituição.

Contamos com a sua presença, que será de grande importância para a conclusão dos nossos trabalhos.

Atenciosamente,

**Brendha Silva Paulino
Elisa Cardoso de Sousa
Fabiana Martins Barbosa
Gabriela Figueiredo Corrêa
Matheus Henrique Carvalho Francisco.**

.....
DE ACORDO

Nome: Ana Maria Biavati Guimarães

Data: 13 / 10 / 2020

CARTA DE CONVITE E DOCUMENTO DE ACEITE

**Ilma. (o) Sra.
Convidada**

Prezada Senhora: Cleonice Faria Barbosa

O Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS convida-a (o) para compor a Banca Examinadora da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do (a/os/as) aluno (a/os/as) **Brendha Silva Paulino, Elisa Cardoso de Sousa, Fabiana Martins Barbosa, Gabriela Figueiredo Corrêa, Matheus Henrique Carvalho Francisco**, do curso de **Psicologia**, intitulada: “**Do mundo do eu ao mundo do outro: Relatos de experiências em Psicologia Clínica e Social**” a realizar-se no dia **24/11/2020**, às **21h 30 min** horas, na **sala virtual de “Seminários de Pesquisa”** desta Instituição.

Contamos com a sua presença, que será de grande importância para a conclusão dos nossos trabalhos.

Atenciosamente,

Brendha Silva Paulino
Elisa Cardoso de Sousa
Fabiana Martins Barbosa
Gabriela Figueiredo Corrêa
Matheus Henrique Carvalho Francisco.

DE ACORDO

Cleonice de Faria Barbosa

Nome: _____

Data: 03/11/2020

ANEXO B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PORTFÓLIO

FICHA DE AVALIAÇÃO
Formulário de Avaliação do Portfólio

Nome do aluno (a): Nota Final

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

Curso: _____

Avalie a apresentação do trabalho, quanto aos aspectos abaixo relacionados, dando as notas de acordo com o valor atribuído aos subitens.

Itens	Subitens	Critérios	Valor	Nota	
Assunto (50)	Introdução	Elaboração da autoapresentação acadêmica; Perspectivas quanto à futura profissão; local da vivência e formulação dos objetivos individuais quanto às atividades a serem realizadas.	10,0		
	Desenvolvimento	Apresentação da sequência das atividades desenvolvidas com apresentação de: fotos, correlação com as disciplinas do curso e registro das leituras com citações de opiniões dos autores.	20,0		
	Autoavaliação	Análise crítica do aprendizado e desafios superados.	10,0		
	Conclusão	Resposta aos objetivos e sugestões para novos portfólios.	5,0		
	Referências Bibliográficas		5,0		
SUBTOTAL					
Apresentação (50)	Explicação	Utilização do tempo disponível Desempenho (voz, gestos e movimentação)	5,0		
		Linguagem (clareza, fluência do assunto)	5,0		
		Domínio do conteúdo	10,0		
	Arguição	Objetividade	1	5,0	
			2		
			3		
			4		
		5			

		Linguagem (clareza, fluência)	1	5,0	
			2		
			3		
			4		
			5		
		Domínio do conteúdo	1	10,0	
			2		
			3		
			4		
			5		
	Material	Qualidade		5,0	
		Adequação		5,0	
SUBTOTAL					
TOTAL					

Lavras, _____

CONCEITOS
A – 90 a 100 pontos
B – 80 a 89 pontos
C – 70 a 79 pontos
D – 60 a 69 pontos

Assinatura do membro da Banca

